



**(NEO)LOGISMOS
CONTOS**

Robson Xavier (Org.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
REITORA
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ
VICE-REITORA
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



DIRETOR DO CCTA
José David Campos Fernandes
VICE-DIRETOR
Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL
Carlos José Cartaxo
Gabriel Bechara Filho
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre

EDITOR
José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

ROBSON XAVIER DA COSTA
Organizador

(Neo)Logismos

Contos

EDITORA DO CCTA
JOÃO PESSOA
2019

Projeto Gráfico-editorial

José Luiz da Silva

Ilustração de capa

Robson Xavier

Bibliotecária responsável:

Susiquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

N438 (Neo) Logismos: contos [recurso eletrônico] / Organizador:
Robson Xavier da Costa. – João Pessoa: Editora do CCTA,
2019.

Recurso digital (4,46MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-044-5

1. Contos. 2. Literatura Brasileira. I. Costa, Robson Xavier.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 82-34

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito do organizador e dos/as autores/as.

Ebook no Brasil pela Editora do CCTA UFPB.

João Pessoa – PB, 2019. Feito depósito legal.

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Manuel Bandeira

SUMÁRIO

Neologismo	5
HISTÓRIAS PARTILHADAS.....	9
FEITO CRIANÇA.....	11
Robson Xavier da Costa	
IMAGENS NA MEMÓRIA.....	13
Maria Betânia e Silva	
ARQUIVO.....	18
José Rufino	
CIRCE	22
Madalena Zaccara	
O RESTAURANTE DA RUA 68.....	24
Renato Fonseca Livramento da Silva	
RÉQUIEM.....	26
Hieronimus Lima	
A MENINA QUE NÃO TINHA CU	40
Paulo Emílio Pinto	
A VELHA E O CÃO	41
Paulo Emílio Pinto	
AS PROMESSAS QUE DEVIA	43
Paulo Emílio Pinto	

AMOLECER EM FRUTOS.....	45
Paulo Emílio Pinto	
AVEZINHA.....	46
Paulo Emílio Pinto	
CARTA DE RECOMENDAÇÃO.....	48
Paulo Emílio Pinto	
O MENOR E MAIS LINDO QUADRO DO MUNDO	49
Paulo Emílio Pinto	
OUTRA AVEZINHA.....	50
Paulo Emílio Pinto	
SANTA TEREZINHA (OU A CONVERSA COM UM SALGADO IMPORTADO)	51
Bianca Costa	
SOBRE OS AUTORES.....	53

HISTÓRIAS PARTILHADAS

Robson Xavier da Costa

Estes contos são frutos de diálogos coletivos entre autores/as e parceiros/as de caminhada, consistem em partilhas de histórias.

Cada autor/a disponibilizou um ou mais contos para compor um conjunto que intitulei (Neo)Logismos, o significado da palavra diz muito sobre os contos aqui agrupados, ao atribuir novos sentidos as histórias inéditas aqui contadas, criamos também novas interpretações sobre pedaços de vidas de cada um dos/as autores/as.

Partilhar a construção coletiva deste livro com amigos e pessoas próximas é reviver momentos passados, sejam histórias alegres, fantasiosas ou mesmo tristes. Escrever e publicar estas histórias, é vivenciar uma catarse profunda, é se permitir dividir os sentimentos mais íntimos com os/as leitores/as.

Dividir histórias com os/as leitores/as nos permite partilhar vivências e relembra-las, muitas vezes as memórias são dolorosas e pensamos ser melhor deixá-las guardadas nos baús, mas revirá-las, bater a poeira, reorganizar e jogar fora, desapegar, de muitas coisas guardadas é engrandecedor.

Escrever é um ato muitas vezes solitário, são horas atrás de uma mesa, longe das atividades rotineiras, imerso em si mesmo, no entanto os contos falam mais de coisas vividas, de experiências, de sonhos, de desejos e esperanças, enquanto escrevemos estimulamos a continuidade das histórias, das crenças, das partilhas.

Publicar um conto é como ficar reunido com os amigos ou parentes em uma noite de chuva intensa, sem energia elétrica, lembranças da infância, onde o terror que sentia com medo dos fortes trovões, era transformado em aconchego e partilha, quando as histórias de Trancoso¹ eram o mote para uma longa noite a luz de velas.

¹ Termo de origem popular, difundido no Nordeste brasileiro, para designar histórias de terror. O termo tem origem nos escritos do autor português Gonçalo Fernandes Trancoso, que publicou o livro “contos e histórias de exemplo” no século XVI, virando referência para esse tipo de história em Portugal e no Brasil.

Desligar TV, internet, celulares e ler... É exercitar outros espaços do imaginário. Sair do comum, conectar-se com outras instâncias de comunicação, viajar com os autores. Este livro é um convite aos/as leitores/as para mergulhar em outros universos, conhecer outras narrativas, repensar suas próprias histórias.

FEITO CRIANÇA...

Robson Xavier da Costa

Estava sufocado, sem ar, abri rapidamente os olhos e notei uma silhueta humana ao lado da cama, imediatamente fingi dormir. Estava frio, sensação térmica de uns dois graus, os lençóis eram quentes, mas estava completamente nu. A silhueta da figura se movia freneticamente de um lado para outro do quarto, ouvia o barulho dos passos. Fiquei em pânico, o que seria? Quem seria?

Fiquei impassível, entre o pavor intenso e a vontade de sair correndo, o medo tomou minhas veias e músculos, meu corpo não respondia aos comandos. Senti um calafrio intenso na coluna, o coração disparou a mil por hora, mantendo os olhos fechados, comecei a mentalizar um pedido de ajuda – Socooooo!!!!!!!!!!!!!! Gostaria de gritar, mas não conseguia mover a boca.

O que fazer? Respirei fundo, tentando manter a calma, abri um pouco os olhos e tentei espreitar ao redor. Senti que aquele não era meu quarto, onde estaria? Ao mexer as mãos e pés senti uma superfície fria, abaixo dos lençóis, algo metálico. Uma forte luz pairava sobre meu rosto, então percebi que havia mais de uma silhueta na sala, e que conversavam entre eles, sons inaudíveis, barulho de instrumentos metálicos, certa tensão no ar.

A sala parecia um laboratório, passavam muitas coisas na minha cabeça. Aparentemente estava vulnerável, deitado em algo como uma cama metálica em uma sala iluminada, não conseguia me mover, o corpo não respondia.

O mundo rodou, minha cabeça estava doendo muito, tonto, com náuseas, o corpo fraco, o equilíbrio vertical era difícil, tentei não fazer nenhum barulho, o toque do meu corpo na cama, no piso e nos objetos acentuava o frio intenso do ambiente, me enrolei nos lençóis, estava pelado, onde estava? Como cheguei aqui? Estava em perigo?

Consegui ficar de pé apoiado nos móveis metálicos, precisava pensar, gostaria de descobrir onde eu estava e que risco corria. Arrumei os lençóis da cama para fingir ter um corpo na cama e me dirigi para a única porta. A porta abriu automaticamente, coração pulsando freneticamente, havia um corredor iluminado e extenso, com muitas portas laterais de frete uma para outra, tudo era metálico, nada parecia fazer sentido, onde estaria?

Uns dez metros antes de chegar à porta identifiquei que havia movimento ali, uma grande estrutura de metal brilhante, emitia luzes intensas, apesar do dia claro, era possível distingui-las, um som intenso começou, cadenciado e embriagante.

Fiquei escondido observando o movimento. Meu corpo ficou seco imediatamente. Estava desnortado, nu, sem a menor noção de onde estava?

Chorei feito criança!

Sozinho, sem rumo, desesperado, desorientado. Tinha de traçar um plano, precisava de alguma saída. Nenhuma placa, nenhuma identificação, tudo era frio.

Após alguns minutos, ouvi um forte barulho fora da sala, o som foi tão alto que olhei para parede metálica, que imediatamente ficou transparente como vidro.

Meu corpo tremia feito um pano no varal ao vento, me recusei a me entregar a situação, desejava voltar de alguma maneira, percebi que meu corpo estava refletido no vidro das janelas.

Naquele momento senti a cabeça rodar intensamente, acordei sobressaltado, completamente suado, apesar do ar condicionado no 13, sentado na cama percebi que estava atrasado para o trabalho, ao lado da cama minha roupa pendurada na cadeira desenhava uma silhueta humana, TV ligada, provavelmente, toda a noite, o apresentador do jornal matinal da TV descrevia com voz lenta a instabilidade do tempo, estava em casa, pulei da cama...

IMAGENS NA MEMÓRIA

Maria Betânia e Silva

Sobrevoou uma parte do país continental saindo de uma cidade chamada Recife em direção à outra, com o nome Porto Alegre. Recife está localizada na região nordeste do Brasil e Porto Alegre na região sul. Uma versão da história diz que Recife tem 482 anos e Porto Alegre 247. São quase 200 mil habitantes a mais na primeira. São quase 3800 km de distância. Mas, o destino não era a segunda cidade. Ia para Santa Maria, 300 km a mais.

A última estatística da Associação Brasileira de Empresas Aéreas, no ano passado, indicou que foram transportados 89,9 milhões de passageiros no país. Esse dado se une a muitos outros que ressaltam a desigualdade social e econômica, pois representa menos de 50% da população total que tem acesso a esse meio de transporte.

A vida é curiosa. Jamais imaginamos o que viveremos, o que enfrentaremos, o que nos tornaremos. A lapidação do ser humano exige um trabalho contínuo sobre si, mas a própria vida vai se encarregando disso abrindo brechas, apresentando situações de todos os tipos. Às vezes entendemos, às vezes não. Às vezes refletimos, às vezes não. Às vezes amadurecemos, às vezes não.

Observou do alto, o que já havia feito muitas vezes na vida adulta, a nossa pequenez em relação ao planeta em que habitamos. Vinha de uma família grande. Sendo oito irmãos: quatro meninas, quatro meninos e seus pais. Era a caçula das meninas. Mas, isso é outra história.

Quando era adolescente lembrou-se de um professor que não quis devolver um desenho que havia feito na aula. Era uma paisagem. Uma praia. Tinha umas pessoas sentadas nas cadeiras e outras no mar. Adorava o mar! Ele a tranquilizava e dava sempre a sensação de infinito. Só de vê-lo sentia-se bem. Gostou daquele desenho que havia feito, mas o professor não o devolveu. Nunca. A partir daquela

experiência, ela jurou de pé junto, que jamais seria professora! E, se acaso fosse, nunca ficaria com um trabalho de um estudante. Seu juramento não funcionou! Apesar de toda timidez e medo de público, o amor pela docência a tomou e, aos poucos, foi entendendo que era naquele lugar profissional que queria estar. Mas, sempre devolveu os trabalhos dos estudantes. Isso também é outra história.

Voltando ao voo. Com o olhar distante que atravessava a pequena janela do avião, as perguntas foram reativadas em sua memória: qual o significado da existência? Para que corremos tanto? O lugar onde se quer chegar vale a pena e existe de fato? E qual lugar se quer chegar? Questões outras foram elaboradas enquanto observava o vasto azul do céu e os imensos cúmulos que pareciam algodão doce.

A memória, outra vez, ativou uma sensação de infância quando olhava o vendedor de algodão doce girar sua máquina e com os grãos de açúcar transformá-lo num enorme capucho que mal cabia nas mãos pequeninas das crianças. Parecia uma mágica e ainda parecia sentir o cheiro do açúcar e reviver a imagem dos olhares das crianças que, assim como ela, ficavam deslumbradas e morrendo de vontade de ganhar um. Os cúmulos e o algodão doce também remetiam ao prazer que tinha em deitar no chão e ficar olhando o céu, as nuvens que passavam e ora pareciam caras de gigantes, ora animais correndo, ora faces assustadoras, ora lindos sorrisos, ora crianças que brincavam, ora velhos que mostravam as marcas do tempo e da sabedoria em seus rostos. Tinham longas cabeleiras e tinta também gente careca. Aos poucos as imagens desapareciam e ficava procurando outras e imaginando a delícia que seria poder sair pulando de nuvem em nuvem como se fosse um pula pula.

Ao olhar da pequenina janela do avião, via as linhas, formas e cores que desenham a terra, que contornam o mar e pensava nos tantos códigos que vamos aprendendo durante a vida. Muitos deles na primeira célula social, a família. Mas, muitos outros na escola e outros espaços que frequentamos.

Chegou em São Paulo. 30° graus. Esperou quatro horas para o outro voo. Pessoas vinham, pessoas iam. Crianças brincavam. Adultos se estressavam. Outros se alimentavam. Outros conversavam, outros liam. Muitos não soltavam seus celulares. A mania contemporânea da relação virtual vai alterando, significativamente, a

relação com o outro. Um jovem casal, sentado à mesa para um lanche, sequer se olhava. Cada um com o seu equipamento “falando” com outros virtualmente, mas o que estava ao seu lado parecia invisível.

Embarcou novamente. Até Porto Alegre o céu estava denso. Mal se podia ver o azul do céu. Ao chegar encontrou o tempo chuvoso e 19º graus. No caminho para o hotel observou uma parte da cidade. Pixações, grafites, prédios desbotados, lixo, retas, curvas, ladeiras. Mal via pessoas, mas muitas de suas marcas estavam pelo caminho. Do alto é nítida a desigualdade social. Embaixo também. Essa realidade é a de muitas cidades por onde andou, inclusive a sua.

Chegou ao hotel. Acomodou a mala pequena que trazia e resolveu sair para conhecer um pouco do entorno. O vento estava frio, o céu continuava nublado, o chão estava molhado. Havia chovido pouco tempo atrás. Caminhou entre ruas. Viu pessoas com sacolas de compras que vinham do supermercado próximo. Mas, também viu outras que catavam por algo nas latas de lixo para comer. Olhou para as árvores e uma imensa copa lilás se destacou no meio dos diferentes tons de verde. Experiência que desacomoda o olhar e a levou a apreciar a beleza das coisas que parecem tão comuns.

Passou por um casal de idosos que caminhava na rua com cuidado. Mas, um dialogando com o outro e o tempo parecia consolidar uma vivência que atravessou muitas etapas. Viu uma mulher que passeava com um cachorro e recolhia, pacientemente, suas fezes no meio da calçada. Pensou: agimos assim com os seres humanos?

Continuou a traçar seu mapa que não foi previamente elaborado. Seguiu o trajeto que desperta o olhar. Ouviu os pássaros nas copas das árvores. Sensação que causou um prazer imenso e lembrou o quanto gostava de acordar com os pássaros cantando. Caminhou e observou o chão, as calçadas quebradas, as ladeiras íngremes, a arquitetura das casas, prédios. Algumas habitações pareciam cuidadas com muita atenção e afeto levando a pensar que o habitar pode ser o lugar do íntimo, o espaço que acolhe, aconchega e protege. Necessidade ímpar do ser humano. Mas, pode ser o contrário também.

Viu uma torre que se destacava na paisagem e seguiu percursos até chegar a encontra-la. Ficou deslumbrada ao observar uma imensa escadaria e uma igreja com duas torres. Sua arquitetura apontava características do período colonial barroco. Subiu as largas escadas. 60 degraus. Ofegante, olhou do alto e ficou pensando como as pessoas com mobilidade reduzida podiam chegar até ali? Não chegam mesmo. Mas, este problema não se refere apenas ao acesso à igreja. Pelas ruas é visível que os espaços pouco são pensados para incluir quaisquer pessoas, independente de suas condições físicas.

Entrou no templo, lugar que convida à introspecção. Parou alguns minutos. Observou e confirmou: a igreja era barroca, código aprendido na escola ao estudar história da arte. Ao sair da igreja chegou em frente ao batalhão do exército e viu homens e mulheres fardados e em posição de guarda. Seguiu. Olhou o entorno. Escutou o som dos sinos. Sentiu o vento frio na pele e as mãos que estavam geladas. A temperatura estava baixando um pouco mais. Um cheiro forte de fritura veio de algum lugar que não identificou, mas lhe embrulhou o estômago ao imaginar o óleo borbulhando com alguma carne ou outra coisa qualquer. Outros códigos aprendidos. Outros sabores que o paladar acusou.

Resolveu voltar para o hotel, pois estava caminhando a mais de uma hora e o corpo pedia um pouco de descanso. Passou por uma ponte e percebeu que muitas pessoas olhavam para baixo como se houvesse algo que chamasse a atenção. Pensou que deveria ter sido uma colisão entre veículos. Aproximou-se e tomou um grande susto! Uma garota que aparentava ter vinte e poucos anos, morta. A cena choca. Mas, não é uma cena cinematográfica. É realidade. Ouviu algumas pessoas comentarem ter visto ela se jogar. Trata-se de um suicídio. Poucos minutos faz.

Sentiu uma tristeza profunda e lembrou-se de uma aluna de outro curso que também se suicidou na universidade. Talvez, elas possuíssem a mesma idade e um elemento em comum: o momento do desespero, a ausência de sentido para continuar a viver. Poderia ser diferente? Por que situações como estas continuam a existir e se repetir? A polícia estava isolando o lugar com aquela fita amarela e preta. Os carros, ônibus, motos passavam lentamente ao lado da cena. Em seu interior fez uma oração por aquela menina. Ainda permaneceu com sua imagem na memória.

A incompletude humana! Sem explicação racional convincente, pelo menos para ela.

O Ministério da Saúde divulga que no ano retrasado foram mais de 11 mil casos de suicídio no Brasil. Já é considerada a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 e 29 anos e o Rio Grande do Sul continua líder nessa questão.

Voltou para o hotel e não deixou de pensar na cena que viu. Não lhe saiu da cabeça ainda hoje. Pela manhã cedo deveria pegar outro avião para chegar ao destino previsto.

O pequeno avião pousou no pequeno aeroporto de Santa Maria. Dali se deslocou para outro hotel. O congresso de pesquisadores em artes se iniciava no dia seguinte. Apresentou um trabalho de pesquisa que discutia experiências e desafios enfrentados por docentes de arte no Brasil. O diálogo com o saber, a incorporação de hábitos, os espaços de formação faziam parte da socialização do trabalho.

Pensava consigo que a reflexão sobre a docência envolve também saberes múltiplos como, por exemplo, o temporal e o social. O temporal incluindo a história de vida, a história escolar, os anos iniciais da prática profissional e a continuidade na carreira. O social adquirido na formação, partilhado por um grupo, incorporado, modificado, adaptado em função dos diversos momentos e fases vividas. Códigos e mais códigos aprendidos.

Além disso, refletiu sobre a incorporação de hábitos que contempla os corporais, cognitivos, avaliadores apreciativos. Nisso tudo, maneiras de fazer, de pensar, de sentir e de dizer vivenciadas na própria família influenciam diretamente na interiorização de modos de ação, de interação, de reação, de apreciação, de orientação, de percepção do indivíduo adulto. Ficou a pensar no grupo de professores presentes no congresso. Quantas histórias possuíam, quantas influências incorporaram em seus modos de ser, pensar e fazer! Pensou também em seus colegas de trabalho e nela mesma. Pensou nos seus alunos e alunas. Pensou no lugar da docência que ocupava. Pensou ainda naquelas duas meninas que interromperam suas vidas nesse planeta. E se alguém tivesse se aproximado delas e estabelecido algum diálogo? E se elas tivessem tido a chance de externar suas angústias? E se arte tivesse feito a diferença em suas existências?

ARQUIVO²

José Rufino

Treze horas e trinta minutos. Estávamos fermentando o almoço, como fazemos todos os dias, contando casos, falando de futebol, traições, acidentes, assaltos e um ou outro assunto de trabalho. Quase nunca falávamos do Arquivo, mas, naquele início de tarde do dia 17 de julho de 2014, o assunto principal era o início da tão esperada reforma no nosso edifício. Chovia fino e eu olhava para o velho chafariz. Pensava vagamente na quantidade de água que já havia escorrido de sua taça de mármore quando vi, e todos também viram, aquele homem esguio vindo em nossa direção. Andava rápido, desequilibrando-se na irregularidade das pedras do velho pátio. Enquanto trocávamos olhares que significavam *o que será que essa figura vem fazer aqui?* O elegante senhor já estava plantado bem na nossa frente, emoldurado pelo arco do terraço e tendo sobre sua cabeça a taça de mármore e, mais alto e lá ao fundo, o verso do frontão do Cemitério dos Lázaros. O conjunto arquitetônico lhe caíra como uma espécie de coroa. O estranho senhor vestia camisa e calça social brancas e sapato de bico fino também branco, além da tal coroa, que nem era dele. Sua pele de ébano destacava-se na indumentária branca e seu cabelo baixo era cinzento como um resto de coivara. Não havia nenhum vestígio de lama em seus sapatos e parecia saído de um veículo invisível, pois não portava guarda-chuva e estava completamente seco. Permaneceu ali, parado, bem na nossa frente, até que Fátima, responsável pelo setor de restauração, tomou a iniciativa: *posso ajudar, senhor? É consulta? O arquivo está fechado para reforma, somente uma parte do acervo da biblioteca está disponível, mas estamos em horário de almoço.* Ele olhou para os lados, como se procurasse um rumo para escapar, encarou Fátima, como se os outros não estivessem ali e, ignorando a informação de que a instituição estava

2 O conto “Arquivo” foi escrito a partir das experiências vividas em Salvador, especialmente nas dependências e entorno do Arquivo Público do Estado da Bahia, por ocasião da minha participação na 3ª Bienal da Bahia, “É Tudo Nordeste?”, sob curadoria de Ana Mattos Porto Pato, em 29 de maio de 2014. O texto foi concluído em 27 de julho.

fechada para consultas, disse, com voz segura e grave, que precisava consultar documentos coloniais. *Senhor, o acervo colonial foi todo acomodado num salão provisório, por causa da reforma. Não estamos com acesso a nada.* Ele insistiu, precisava consultar documentos da Bahia colonial. *Mas o que é mesmo que o senhor está procurando?* Novamente o elegante senhor olhou para os lados como se fosse dar meia-volta, pigarreou, passou a mão no queixo e começou a contar: *Eu tive uma visão, uma coisa como um sonho. Estava acordado, bem acordado. Tinha acabado de levar o gado pro pasto, lá na Fazenda Fonte Nova, onde sou vaqueiro, quando vi o campo todo ficando mais seco e uns matos diferentes crescendo. Então foi aparecendo um monte de gente de cor, assim como eu, vestindo uns panos enrolados e as mulheres com panos na cabeça, entrando e saindo de umas casas feitas de barro, enfeitadas com desenhos brancos.* Parou a história, de repente, e voltou a olhar para os lados e para trás. *Pode continuar, senhor,* disse Fátima. *Era como se eu tivesse vendo minha gente lá da África, nos tempos que nosso povo ainda andava livre por lá. Mas aí aconteceu uma coisa muito estranha, uma mulher bem velha, toda encolhida, entortada pra frente, se aproximou e me chamou por um nome estranho. Eu disse que não era meu nome, que eu era Sebastião. Ela disse que não, que ela sabia que meu nome era aquele e que eu era descendente de um certo rei, feito escravo pela tribo dela e vendido aos portugueses como escravo de brancos.* Novamente parou a história e olhou para trás, como se temesse a chegada de alguém indesejado. *E ela falava português com o senhor?* Perguntou Pedro, nosso colega mais gaiato. *Não sei senhor, era como um sonho, não conheço aquela fala, mas eu entendia e a velha também me entendia, porque era uma visão e quando não é de verdade mesmo, é só visão, a gente entende tudo que a visão quer dizer. Só não consigo repetir o nome do tal rei e o meu, na fala que ela usava.* A narrativa parecia terminada ali, pelo menos deveria. *Sei, estou entendendo,* disse o irônico Pedro. *Então ela levantou uma vara que usava como bengala, encostou bem aqui – demonstrou colocando a mão na boca do estômago -, e me garantiu que eu era o herdeiro do reino daquele meu antepassado, trazido para o Brasil como escravo, trazido exatamente para Salvador.* Depois de uma janela de silêncio, Pedro soltou sua verdadeira verve: *Ô meu rei, então a majestade veio até o arquivo pra ver se encontra a prova que é o rei da Bahia? Pois é, majestade, não vai dar*

não, o setor que tem os documentos dos seus antepassados reais está interdito. E tem mais, meu rei, na Bahia todo mundo é rei. Outro vão de silêncio tomou conta da situação e o nobre senhor, novamente, virou-se para ver se chegava alguém. Mexeu-se um pouco e saiu do enquadramento que me permitia a visão homem-arcochafariz-cemitério. Eu continuava calado, dedilhando besteiras no meu Smartphone Samsung Galaxy para não atrair a atenção do visitante. O vão de silêncio alastrou-se, ocupou todo o pátio, avançou pelos gramados, pelo estacionamento, guarita, portão, pela rua, por toda a Baixa de Quintas. Enfiei discretamente o celular no bolso e respeitei aquele silêncio todo. Meu pensamento atravessou o corpo daquele que se imaginava rei, ou príncipe, e como uma bolha translúcida e quente, cresceu pelos flancos da baixa e estourou pelo vale das quintas. Como se fosse uma experiência da mesma categoria daquela vivenciada pelo estranho homem, o príncipe-vaqueiro, eu experimentei, por um instante ínfimo, a visão do nosso edifício, nosso arquivo público, quando era uma quinta do século XVI, a Quinta do Tanque. Provavelmente influenciado pelo meu conhecimento textual e iconográfico, recriei, em surto de historiador-rei, uma cena completa dos jesuítas atravessando o pátio da quinta, em cortejo. Seguiam em grupo de uma dezena, enfileirados, bem próximos, cabisbaixos. O preto de suas vestes longas era fosco, mas o da pele dos três escravos que os seguiam, carregando cestos vazios, era reluzente. Quem sabe um deles não era o antepassado do nosso misterioso príncipe-vaqueiro. Assim como na visão do príncipe-vaqueiro, eu entendia suas falas e mais, sabia o que iam fazer. Caminhavam para coletar laranjas, pimenta-do-reino e cascas de canela. A quinta tinha os pomares mais caprichosos e produtivos de toda a região do entorno da Salvador colonial. E claro, o trabalho escravo passara a ser essencial para a manutenção do empreendimento jesuíta. O homem então retomou a palavra: *eu contei essa história para a filha do meu patrão, o falecido poeta Eurico Alves. Foi ela que me trouxe aqui, que me deixou aqui, pra ver se alguém podia descobrir alguma coisa.* Aquilo me soou como uma pancada bem forte. Eu mesmo estivera, dias antes, na fazenda de Eurico Alves. Não havia me dado conta quando ele falou o nome da fazenda trabalhava como vaqueiro. Aquela missão era minha, sem dúvidas. Chamei o pesquisador inesperado até minha sala improvisada no próprio terraço, tomei-lhe os dados

personais e anotei os nomes que trazia de antepassados não tão distantes, dos avôs e avós e dos dois bisavôs, sendo que desses últimos sabia apenas os prenomes. Dei-lhe minha palavra de empenho na busca e que levaria qualquer dado diretamente até ele, pois que era para mim um prazer visitar a Fazenda Fonte Nova. Despediu-se apressado com receio de atrasar sua patroa, já que era trabalhador herdado, e eu fiquei com a missão de encontrar aquela filiação de nobreza nos alvéolos do nosso acervo de documentos da escravaria. Desde então, conto os dias, acompanho cada passo da reforma, ansioso para ter acesso ao arquivo colonial. Sei que me cabe ser neutro, imparcial, mas confesso meu desejo profundo de descobrir a prova de que a visão daquele homem esteja amparada em documentos do nosso acervo. Quero sair por aí alardeando que ajudei a provar que a Bahia tem um príncipe verdadeiro. Por enquanto, me cabe criar entradas classificatórias para o recém-chegado acervo de documentos da polícia. Tenho que me contentar com posse de delegado, agressão física, abuso de poder policial, homicídio, prostituição, procedimento irregular de agente policial e conduta imoral, muita conduta imoral.

CIRCE

Madalena Zaccara

Teve um tempo que, de tanto ler Leminski, eu pensava que a história (que eu criei) sobre nós iria ser qualquer coisa como Homero, nada menos que uma *Ilíada*. Na pior das hipóteses uma *Odisseia*. Mas de toda maneira uma epopeia. Nunca menos do que isso.

Te admiro. Essa coisa de seres para mim, no mínimo, um herói de história em quadrinhos ou personagem de seriado de Netflix. Meu lado nerd. Essa inteligência meio obstinada de Ulisses, essa força quase esquecida nos homens de minha época que comove. E, de resto, um pouco de criança dura que me desperta instintos maternos. E esse olhar tão doce, que esconde a tua indiferença.

Quando te vi te falei logo sobre todos os meus segredos e, nua na praia onde encalhastes, abri pernas e alma para ti. Vivi a Circe na tragédia por mim imaginada (*pour ne pas pouvoir être Helena bien sûr*) e me joguei aos teus pés, bruxa que eu sou (ou era), sem qualquer pudor ou recurso a poções e encantamentos. Mas, reabastecido, me largastes na mesma praia enquanto embarcavas no teu navio legendário para essa Itaca improvável, perdida, distante, aonde dizias que Penélope te aguardava tecendo a espera. Mas seria mesmo a mulher ou a ilha que te fez me abandonar assim, sem olhar pra trás, impiedoso como todos os heróis? Naquele tempo nossa história foi quase uma *Odisseia*.

Depois, a barra foi pesando e já dava pra ser um Rimbauld (tipo “*a quatre heures du matin, l’été, Le sommeil d’amour dure encore.*”). Dias já nem tão heroicos. Uma ode a Eros e Tanatos. Tão século XIX, meio decadentista. Cenas que deveriam ser pintadas por Moreau e descritas envoltas do baudelairiano *spleen de fin-de-siècle*...

Depois, mesmo, um Fernando Pessoa valia (“Amo como se ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?”). Nada a acrescentar.

Com o tempo me perguntava: quem sabe um Lorca? (“*Solo el misterio nos hace vivir. Solo el misterio*”), talvez um Eluard (“**La courbe de tes yeux fait le tour de mon coeur**”) ou um Ginsberg (“Siga seu luar interno; não esconda a loucura”)e já aceitava de boa vontade um Caio Fernando Abreu (Chegar ao centro, sem partir-se em mil fragmentos pelo caminho).Por fim só restou eu mesma. Aquela que quase te afoga em palavras doídas de solidão.

E fomos ficando cada vez mais distantes. Tão longe um do outro que já nem era mais possível essa história de lançar garrafas com bilhetes ao mar ou acender fogueiras na beira da praia.

O jeito então foi o sobreviver trocando de histórias e personagens. E foram, tantos, imortal que sou, bruxa.

Um dia, já em plena era do tinder, descobri que ainda esperava esse Ulisses de araque e o procurei novamente em copos de vitrine. Mas não consegui desencavar sequer sua lembrança naqueles rostos que nunca eram o dele que, provavelmente, não devia dar mais nem conta das rugas que se acumularam junto com a poeira do tempo.

E foi então que Circe, a desesperada, mergulhou de vez na solidão dos sites de encontros e nos jovens efebos que não chegam e partem em trirremes lentas e ritmadas para nunca mais. Eles chegam de uber, rápidos. Ela paga a conta.

O RESTAURANTE DA RUA 68

Renato Fonseca Livramento da Silva

Do alto de um poste com ampla visão de um fragmento da cidade, observo a interação dos viventes que desde de sempre ditam a dinâmica de espaço e tempo daquele local. Já é primavera e a intensidade do vento já diminuía significativamente, cores, cheiros e gostos afloram e permeiam de forma lenta e fluída o tangível e o intangível.

Percebo tudo com minha visão e audição apurada no conforto e privilégio do local onde me encontro, apesar de pequeno permite visão panorâmica. No espaço observado, em terra firme, a convergência de interesses se acentua a medida que o sol se posiciona bem ao centro de sua trajetória, é dia de céu lindo, limpo e azul intenso. Nesse belo dia de início da estação das flores, com uma visão não tão apurada como seu olfato e audição, encontra-se Ludovico, uma criatura de baixa estatura, coberto por pelagem curta e pernas que lhe proporcionam uma altura discretamente mais alta que o meio fio da rua.

Com a proximidade do horário do almoço, alterações ocorrem, para alguns viventes, os cheiros ficam mais intensos, para outros, os detalhes do entorno se tornam supérfluos. A fome assume o protagonismo do momento trazendo fraqueza aos corpos, gastura mesmo, ditando todo e qualquer interesse. A fome quando chega é forte e absoluta.

Assim, o centro das atenções passa a ser o restaurante da rua 68, que exhibe sua fachada limpa em alvenaria de cor avermelhada, quase cor de barro de tijolo, que para alguns, passa despercebida.

Na parede lateral do estabelecimento, que existe na rua 68 a muito tempo, descansa uma janela ampla daquelas com madeiramento robusto e machucado pelo tempo, cuja textura rugosa se torna acentuada e sua cor azul turquesa se esvanece. Ali, alongando-se freneticamente está Lica, uma elegante figura magra, calma, de

olhar amendoado que observa em ritmo lento, com o enquadramento da abertura da janela, tudo o que alcança do interior do restaurante.

Os cheiros que atravessam as frestas, que passam pelas aberturas, conectam alguns dos seres ao que existe de mais interessante no estabelecimento. Ludovico mostra-se anestesiado e a medida que se aproxima do restaurante, suas narinas apontam com mais precisão para a porta principal, por onde encana um rastro invisível, passando por todo o salão central, dos aromas encantadores que transbordam das criações maravilhosas de quem cozinha.

É marcante o aroma dos temperos, entretanto, para um certo grupo o barulho das panelas que vem do fundo, sinaliza fortemente, o início do espetáculo. É o momento em que as portas são abertas, seres rasteiros surgem das entranhas sombrias das construções erguidas por bípedes que se expõem ao sol com relativa facilidade, eles percebem as vibrações do piso, cada vez mais ritmadas. Tudo se volta acentuadamente para o salão principal, daqui do alto, é possível perceber pela porta aberta e a janela lateral escancarada, a diversidade de pratos. São verdadeiras gostosuras e meu olhar, me faz fome.

Aqui, com meus pensamentos, imagino o equacionamento das características sensoriais de cada vivente, intensificando e privilegiando o entendimento do espaço observado por todos a partir de seus próprios corpos. É o corpo a porta sensorial que assume a característica de um único órgão, para em tempo real interagir com o meio, unificando o entendimento das dinâmicas nele desenvolvidas. Cada ser percebendo o entorno com seu próprio corpo, sem limites e com amplas possibilidades.

Assim, vem à minha mente cada ser com suas especificidades, desfrutando de forma fluída e instigante com conforto e segurança as maravilhas do restaurante da rua 68.

Incrível, consigo por um momento, vislumbrar a rua 68 e outras tantas, com seus equipamentos diversos, mais acolhedoras e entendíveis a todos. Minhas fragilidades diminuem e por uma fração de tempo, me sinto parte de tudo isso, forte e intenso.

RÉQUIEM

Hieronimus Lima

Junto à amurada do píer os dois surgiam de repente em meio às brumas. Tinham ambos os olhos secos. Não permitiam que vissem a lua naquela noite sem as estrelas: traziam-na consigo cinzenta. Não era de se espantar que a ausência da brisa suave, que sempre torna aquele lugar aconchegante, fizesse com que o tempo deixasse tudo aterradoramente inóspito e frio. Não era uma noite como as outras, repetidas vezes já sentidas ao longo da existência humana. Mas, para qual dos dois poderia servir de contemplação os mistérios do universo? Qual daqueles olhos seriam iluminados pelo brilho dos astros? Nada disso poderia ter a menor importância para ambos. Encontravam-se ilhados, em mundos à parte, que foram construindo pouco a pouco, onde só eles habitavam. Esses mundos, herméticos e egocêntricos, afastavam-nos do mundo real em volta. Tudo era quase silêncio na exterioridade de seus pensamentos não fosse o som calmo das ondas fraquejadas do mar, que para ele e para ela não passava de uma massa enegrecida dentro da escuridão sinistra. Por dentro as vozes se confundiam, se misturavam, gritavam furiosas. Seus íntimos não tinham paz, nem a tranquilidade necessária para que qualquer conflito fosse suavizado. Perderam o controle de suas razões, revelando o fino fio existente entre a sensatez e o instinto rude, entre a luz e a treva.

Ao longe, um zumbido distorcido chegava ao homem e à mulher. Aos poucos podia se perceber que se tratava de uma música alegre destoando terrivelmente com o semblante soturno dos dois. Carregavam algum segredo? Escondiam alguma verdade?

Parecia ser mais um casal entre tantos que vivem de aparências, que, às vezes, demonstra ser feliz e, no entanto, atura-se apenas; constrói uma relação frágil e fictícia; torna esta relação sólida um muro de cimento, com o alicerce da posse um sobre o outro. Exercício de poder. E, muitas vezes, ao final da convivência, este

mesmo muro é o paredão de fuzilamento do amor. E seus semblantes rijos, de tensão e palidez nítidas, prenunciam uma batalha atroz, prontos para a execução sumária e inapelável. Quanta estupidez! Uma união que se iniciara com demonstrações de afeto e carinho mútuo transfora-se numa convivência repugnante. Confesso que tentei mostrá-los a realidade, a falsidade em que estavam afundados. Mas calei-me, tão somente.

Um riso falso se esboçava em seus lábios. Permutavam olhares inverossímeis. Decerto que não mais se amavam. Apenas, um pacto silencioso de um aturar-se mútuo. Resolutamente, o homem tirou do paletó uma garrafa quase vazia. Entre um gole e outro daquela bebida, nenhuma expressão em seus semblantes, nenhum contorno que denunciasse se era amarga ou doce. Pareciam já consumidos pelo líquido do ódio. A tristeza destilava-se indelével em seus espíritos atônitos, pois, estavam alheios a tudo que os circundavam, inebriados dos odores do rancor. Será que não perceberam, em nenhum momento sequer, durante esses longos quinze anos em que se propuseram construir uma vida juntos, de respeito e tolerância, a falta da verdade, tão necessária numa relação a dois? Mas, não! Não foram suficientemente capazes de abrirem mão de seus egoísmos, de seus orgulhos. Não tomaram ciência de que agindo assim permitiram cavar seus próprios abismos, onde, agora, caíam, sem ter onde se apoiar, numa queda profunda e vertiginosa em direção ao caos.

Eu os conheci, mais ou menos, quinze anos atrás. Ele frequentava os mesmos lugares que eu. Fazíamos parte de um grupo de conhecidos, que todo final de semana saíamos para as diversões noturnas. Não era, dentre os colegas, o mais próximo. Pelo contrário, sempre se manteve à parte. Falava pouco e bebia muito. Por causa de seu comportamento esquivo, observava-o. Não demonstrava alegrias intensas e nunca o encontrei triste. Era uma daquelas pessoas que fazia questão de não chamar a atenção, mesmo sem demonstrar por isso, qualquer timidez. Nos assuntos mais ousados, que sempre surgiam entre os rapazes do grupo, dava suas opiniões com desenvoltura, mas sem polemizar, o que seria um motivo para se tornar efetivamente o centro das atenções. Assim, todos o respeitavam e o deixavam à vontade. Quando bebíamos, apenas ele e eu ficávamos sóbrios. Ele observava a todos e esboçava, vez por outra, um pequeno sorriso. Depois, punha-se a olhar o ambiente, como se não

demonstrasse interesse nos outros a sua volta. Ao final da bebedeira nos despedíamos e ele resolvia sempre ficar mais um pouco, sozinho. Ao longo da semana, raras vezes nos víamos. Morávamos em bairros diferentes e frequentávamos escolas distintas. Quando acontecia de encontrá-lo, inusitadamente, era devido ao ônibus que, ora vinha lotado, ora eu me atrasava. E como ele sempre chegava ao ponto de ônibus depois de mim, então, nos falávamos, quase em monossílabos. Como já disse, ele não era de muita conversa. E eu também não insistia em fazer-lhe perguntas. E sempre que nos encontrávamos dessa forma nos despedíamos lembrando o nosso encontro habitual do fim de semana.

Ela nos foi apresentada, a mim e os outros amigos de bebida, certa vez, por ele, e, deste dia em diante, nunca mais nos acompanhou pelas noites, apesar de nos encontrarmos esporadicamente nos bares da cidade. Depois de alguns meses eu e meus colegas ficamos sabendo que iriam se casar. Fomos ao casamento. Uma cerimônia simples, mas com requinte. Ela era filha de um homem bem sucedido, de posses. Ele logo começou a trabalhar para seu pai e puderam construir uma boa casa num bairro nobre da cidade.

Ao longo de cinco anos, aproximadamente, não tinha notícias do casal. Afastei-me do grupo. Nesse período da minha vida, isolei-me de todos. Mas, confesso que sentia falta dele. Sempre me vinha à lembrança sua fisionomia. Aquela expressão tranquila e absorta, enquanto todos riam exageradamente. E fumavam. E lá estava ele, recuado naquele mesmo cantinho de mesa, junto à janela. Ao lado, o copo de bebida parecia sempre cheio, imexível. Mas, na verdade, bebia em grandes goles. E se preocupava em não deixá-lo nunca vazio.

Certo dia, ao sair da faculdade, o vi atravessar a rua, em direção a um carro parado do outro lado. Fiz-lhe sinal. Em outros tempos, jamais faria isso. É que, inexplicavelmente, senti uma saudade imensa dele. Ele parou junto à porta do automóvel e me sorriu do mesmo jeito de sempre. Olhei-o fixamente e me aproximei. Dei-lhe um abraço apertado e camarada. Ele retribuiu. Mas, não parecia feliz. Perguntou pelos colegas. Não tivera mais notícias de ninguém, ou melhor, deixei de me interessar por eles. Só preservei a sua imagem, a sua pessoa. Combinamos de nos encontrar no próximo final de semana. Ele me deu o número de seu telefone.

Ao volante pude perceber que era sua mulher. Eu a cumprimentei. Ela esboçou um sorriso, deixando aparecer todos os dentes. Despedimo-nos e ele entrou no carro.

Resolvi não ligar durante a semana. No dia em que havíamos combinado o encontro decidi ligar. No início não reconheceu a minha voz. Depois, ao me identificar, foi cordial e sem que eu tocasse no assunto, me perguntou se o encontro estava de pé. Marcamos a hora. O local era o mesmo de antigamente. Cheguei primeiro. Ele veio só, em seu automóvel. Bem vestido, nem parecia aquele rapaz que conhecia cinco anos atrás.

Não tenho dúvidas de que as pessoas mudam com o passar do tempo. Voltar àquele bar, depois de tantos anos, já não fazia o menor sentido para mim. E pensar que o frequentava com assiduidade, quase que religiosamente! Ele estava completamente mudado. Não me refiro ao seu aspecto físico, externo. Nesse sentido continuava forte e belo como sempre. Chegou mais falante. Não quis beber, por enquanto. Sentou-se no lugar de costume. E conversamos. Falou-me do trabalho. Da falta de tempo para continuar o curso. Do desejo de ir embora daquela cidade. Após quase uma hora de conversa, em que, praticamente só ele falava, em nenhum momento se referiu à sua mulher. É como se ela não participasse da sua vida e que continuava a viver como aquele rapaz solitário dos fins de semana. Nunca o vi tão comunicativo e próximo de mim. A certa altura, a bebida já estava presente e seu copo cheio como sempre, disse-me que me admirava, que dentre todos os colegas que faziam parte do antigo grupo, eu era o que ele mais se sentia bem por estar em sua convivência. Perguntei-lhe por que e ele me disse que não sabia ao certo. Apenas, talvez, pelo fato de se mostrar tão reservado quanto ele. Enquanto os outros falavam sem parar e riam exageradamente, eu me mantinha tranquilo. Interessante! Ele também me observava e nunca havia me dado conta desse detalhe. Mas, o que interessa, é que ficamos, a partir daquele momento, amigos íntimos. Comecei a frequentar a sua casa e planejávamos passeios e viagens.

Como dissera antes, não tocou no nome de sua mulher. Resolvi então perguntar-lhe sobre como andava o seu casamento. Respirou fundo, deu um gole da bebida que quase esvaziou o copo. Encheu novamente até à boca. Olhou para mim meio melancólico e me pediu segredo:

- Eu não a amo e nunca amei. Revelou-me, certa vez, que havia se casado acreditando que pudesse se dar bem, financeiramente.

- O amor com o tempo vem! Dizia para si.

Mas o amor não veio. E conseqüentemente, a relação foi sendo conduzida em meio a mentiras, encontros furtivos, pequenas traições, drogas e baladas. Seus olhos se encheram de lágrimas. Não desgostava da mulher. Não queria que sofresse. Mas, era inevitável. Ela não sabia dos seus vícios. No entanto, desconfiava que pudesse estar lhe traindo devido às explicações quase sempre desencontradas e pouco convincentes. Não demorou muito tempo para que suas suspeitas se concretizarem. Passou a vigiá-lo, como cão farejador. Ele se afastou dos amigos, que eram poucos e superficiais. Não obstante, começava a se sentir prisioneiro naquele casamento. Reconheceu que sua decisão de casar naquelas condições foi um erro gravíssimo. Sua ambição de querer uma vida de regalias o cegara e agora parecia estar se punindo por isso.

A princípio, ela era apenas simpática comigo. Mas, demonstrava certa desconfiança. Seu marido não costumava trazer ninguém para dentro de casa. Mas, depois de alguns meses se habituara a minha presença. Pelo menos, o fato de eu estar ali, garantia a permanência de seu marido em casa. Pouco a pouco, fui me tornando uma espécie de amigo confidencial de ambos. Ela a me revelar suas desconfianças de infidelidade; ele, do desencanto com o casamento.

Nunca demorava muito a trégua entre o casal, quase sempre aos berros e xingamentos. Meu coração se comprazia de angustia. Ficava ali parado, à porta, esperando que se acalmassem. Certa vez ele percebeu a minha presença:

- Venha comigo! Disse nervosamente. Entrei no carro, assustado. Saiu em disparada em direção ao píer, que ficava numa praia ali perto. Enquanto olhava o mar iluminado por uma lua cheia, enorme e amarela, manteve-se calado. Sua respiração era ofegante e aos poucos se acalmava.

- Ninguém vai me impedir de fazer qualquer coisa que eu queira! Que vá para o inferno!

Ela não entendia porque ele aceitou o casamento. Naquele momento, uma máscara deixou desnudo seu rosto diante da mulher. Após uma intensa discussão,

ela desferiu-lhe um golpe certo no rosto com o primeiro objeto que agarrou com as mãos.

Ele sangrava. Peguei sua gravata, ainda dentro do carro e amarrei em torno do ferimento. Acalmava-se, finalmente. Chorou compulsivamente. Eu nada disse, apenas acompanhei-o em sua dor. Fiz-lhe um curativo no ferimento. Felizmente não fora profundo. Ele resolveu ir para minha casa. Depois, por volta das onze horas da noite, resolveu voltar para sua. E partiu rapidamente.

Passei duas semanas sem vê-los. Evitei procurá-los. Finalmente ele telefonou numa noite, convidando-me para sair com sua mulher. Falava alegre. Disse que tinha uma notícia muito boa. Fui ao encontro dos dois. Ela também demonstrava felicidade. Eles iriam ter um filho. Comemoramos. Naquele momento, ao receber a notícia, senti uma sensação estranha, que nunca havia sentido nada parecido em toda a minha vida. Uma espécie de angústia repentina.

A vida é um labirinto em que vamos nos adentrando e, quanto mais penetramos em seu mistério, mais nos perdemos por entre suas infinitas curvas. Não conseguia encontrar o fio de Ariadne das minhas elucubrações. Confesso que, na última vez que os tinha visto, pensei que nada poderia salvar aquele casamento. E, no entanto, ei-los a comemorar, como se nada de mal estivesse acontecendo em suas vidas. Naquela noite em que deixou a minha casa tão abruptamente, pensei que estava decidido a por um ponto final naquela vida de aparências e mentiras. Mas, tudo era complexo demais para que fosse solucionado tão facilmente. Mesmo quando tentamos resolver as intempéries com simplicidade elas exigem uma complexidade ainda maior. É sinal de que o labirinto nos confunde a cada momento, e quando pensamos que descobrimos a saída, mais presos nele ficamos.

Como podiam se enganar daquele jeito? Como podiam alimentar uma mentira para viverem na ilusão de estarem felizes? Para quem, afinal? Para os outros? Aquele comportamento parecia afetado demais, cheio de risos forçados, uma representação burlesca, de máscaras que iam se sobrepondo às linhas dos seus rostos, escondendo o que de fato se engendrava em seus íntimos. Não podia mais suportar aquele teatro histriônico. Levantei-me e dirigi-me ao toalete. Olhei-me no espelho. O tempo passava por mim cada vez mais rápido. Ainda não tinha

parado o suficiente para reparar o quanto envelheci. Esqueci-me de mim mesmo. Só pensava nos dois, tentando encontrar um meio que pudesse acabar com aquele sofrimento. No entanto, pouco se davam por isso. Veio uma vontade de chorar, numa autocomiseração. Sentia-me ridículo, expondo-me a um sentimentalismo estúpido. Busquei não pensar mais em nada daquilo. Voltei à mesa e pus a minha máscara.

Fui escolhido para padrinho da criança. A família de ambos era pequena. Nunca os tinha visto, tendo sido aquela a primeira vez. Fui apresentado, mas me mantive reservado durante o almoço de batizado. Conversei pouco. Eles pareciam nem reparar no meu distanciamento. Estavam envolvidos demais entre aqueles cumprimentos falsos e, quanto mais representavam, mais nítida se tornava a farsa, que, aliás, agora se estendia a toda a família em que todos se tornavam cúmplices. Não sei até onde poderia conviver com aquela situação. Por mais que buscasse desviar o pensamento e as reflexões, não conseguia deixar de me preocupar, principalmente com meu amigo. Eu aprendi a gostar cada vez mais de sua pessoa. Evitei não tocar no assunto, mas em certa ocasião, em que saímos para beber, conversei com ele, de maneira franca. Expus o que achava de sua relação com sua mulher. Sua feição se transformou. Disse que eu não tinha o direito de me meter em seus assuntos particulares. Questionou quais as minhas verdadeiras intenções ao me pronunciar daquela maneira. As águas se turvaram de repente. Eu realmente não o conhecia de fato. Acalmou-se e pediu-me desculpas. Eu também me desculpei um tanto desconcertado. Achei que, por sermos amigos tão próximos, tivesse a liberdade de expor minha opinião sobre sua vida. Sobretudo, diante do fato de ter-me confidenciado suas intimidades e estar presente nos momentos mais difíceis de seu casamento. Calamo-nos por um tempo. O seu telefone tocou. Ele atendeu e me disse que tinha que se encontrar com alguém. Retirou-se da mesa, agradecendo pela minha preocupação, mas daria um jeito em sua vida. Eu estava certo nas minhas intuições. Ele continuava infeliz, destroçado por dentro e preferia manter aquela pose de homem bem sucedido e feliz. Muitas vezes é mais fácil fazer vista grossa aos problemas e entregar-se à situação. Exige menos esforço. Mas, em compensação pede a sua vida em troca.

Alguns dias mais tarde, ele me ligou desesperado pedindo socorro. Fui ao seu encontro debaixo de um temporal assustador. A cidade estava gelada e o vento parecia querer arrancar os telhados e a nossa carne. Quando o vi, caído num canto de um galpão abandonado, corri em sua direção. Seu nariz sangrava torrencialmente. A camisa estava ensopada. Sua cara parecia uma vela e cadavérica. Havia hematomas por todo o corpo.

- Onde estão as chaves do carro? Perguntei atônito.

- No bolso da calça! Respondeu-me com a voz quase sumida.

Fui o mais rápido que pude ao hospital. As ruas estavam alagadas. Vários engarrafamentos se formavam pelo caminho. Uma situação verdadeiramente caótica. Não adiantava buzinar. Mesmo assim, buzina. Ajudava a diminuir o desespero que estava sentindo naquele momento. Meu amigo agonizava no banco de trás.

- Malditos! Desgraçados, filhos da puta! Balbuciava essas palavras repetidas vezes.

A chuva não dava trégua. Ao contrário. Era cada vez mais intensa. Encostei o automóvel junto a uma árvore e o abandonei. Não era mais possível dirigir. Alguns veículos eram arrastados pela correnteza que se formava. Peguei, então, o meu amigo nos braços, e o conduzi desesperadamente pelas calçadas, em direção ao hospital, que se localizava a dois quarteirões de onde estávamos. Não sei onde encontrei forças para conduzi-lo. A chuva doía-me na cara. Todo o meu corpo estava rígido por causa do frio. O meu amigo parecia desmaiado e sua respiração mal podia se perceber. Comecei a chorar e pedia socorro, gritava por alguém, mas ninguém passava ali por perto. Os postes estavam apagados e a escuridão se instalou pela cidade. De vez em quando um relâmpago ou outro iluminavam as trevas.

Ele foi prontamente socorrido. Minha roupa encharcada se agarrava em mim como uma pele e se misturava com o sangue dele. Naquele momento senti uma sensação de poder. Ele não tinha a quem mais recorrer, somente a mim. Respirei fundo e um prazer percorreu-me pelo sangue. Alguém que não sei quem foi, deu-me uma cobertura. Enrolei-me e ali fiquei sentado num banco do longo corredor. Depois de algumas horas, o médico me fez um sinal e levou-me ao leito onde se

encontrava o meu amigo. Ele tomava soro e passava bem. Tivera uma overdose de cocaína. Mas, só fiquei sabendo o que realmente acontecera no dia seguinte. Com a boca ainda bastante machucada sorriu e falou numa voz doce e baixa:

- Você me salvou mais uma vez. Olha, eu queria te dizer uma coisa... E parou de falar, desviando o olhar.

Contou-me da surra que sofrera. Estava envolvido com pessoas perigosas. Devia dinheiro aos traficantes e houve um acerto de contas. Não conseguira o valor que devia. Pagou a metade e, enquanto apanhava, recebeu o ultimato de que teria dois dias para providenciar o restante. Caso contrário sobraria para o seu filho. Prometeram executar a criança se o acordo não fosse consumado. Ouvi toda a sua história distraidamente. Agora eu tinha a certeza de que algo especial em relação a mim se passava em seu coração. Quando terminou a narrativa me aproximei o máximo que pude de seu rosto e beijei-lhe a testa. Ele deixou escapar algumas lágrimas. Afastei-me e ele segurou o meu braço:

- Nunca me deixe de... Nunca me deixe... Disse com melancolia e adormeceu devagar. Fiquei ao seu lado pelo resto da noite. No dia seguinte, liguei para sua mulher que ainda não sabia de nada. Deixei-o dormindo e parti com a cabeça confusa.

Sua vida degradingolava, marchava a passos firmes para a desgraça. Tentei impedir tantas vezes que isso acontecesse, mas, os acontecimentos sucessivos de conflitos, brigas, entre separações e voltas, me deixavam cada vez mais sem ter como agir. Ela parecia fraquejar. Entregara-se àquela situação. Podia viver bem sem ele, a sustentar seu filho. Não passaria dificuldades. Não faltaria nenhum tipo de assistência. Mas, diante dos fatos, ela se afastara da mãe e se entregara à bebida. Tornara-se viciada e cada vez mais acabada. Era uma mulher tão linda, uma das mais encantadoras que conheci em toda a minha vida. Passava longos períodos sem procurá-los. E sempre era a mesma coisa. Ele me procurava e aparentava que tudo estava resolvido, que as coisas se ajeitaram. Eu me encontrava tão prisioneiro quanto eles, refém de vidas que não eram a minha. Mas, já não conseguia dormir direito, nem comer, sem antes que ele me procurasse novamente. Eu precisava dele, dependia da sua vulnerabilidade para dar razão a minha existência. Descobri-me

um homem solitário e infeliz, afundado em desejos ocultos e condenado a viver uma ficção.

Meu afilhado completara cinco anos. Era uma criança retraída, o único membro daquela família que se mostrava verdadeiramente infeliz. Mantínhamos uma relação bem próxima. Levava-o para passear, ir ao cinema. Ele me adorava. Dizia que queria que seu pai fosse assim também. Ele não tinha tempo para o filho. Agora se enfiara no trabalho como tábua de salvação. Ficara responsável para tocar os negócios do sogro. Quando parava em casa, mal se comunicava com o filho e com a mulher. Ela, enterrada numa rotinazinha medíocre de dona de casa, tinha tudo o que queria. Não precisava trabalhar. Herdara uma boa quantia da fortuna do falecido pai. A mãe não andava muito bem de saúde e foi tratar-se na Europa e por lá ficara, ao lado do filho mais novo. Romperam relações e nunca mais soube notícias da mãe. Ele, que antes morava com os avós maternos, já os perdera. Faleceram antes de se casar. O avô primeiro, depois, com intervalo de quatro meses, foi-se a avó. Nunca conheceu os seus pais, a não ser por fotos. Foram vítimas de um grave acidente de automóvel. Só ele sobreviveu. Às vezes me falava deles, com carinho. Depois, dizia que casamento como aquele não existia mais. E sempre que eu voltava para casa, me sentia com uma tonelada nas costas. E a mesma história sempre recomeçava, repetidas vezes, até que tudo se consumasse naquela noite que os encontrei no fim da linha, onde nada mais podia ser feito, nada mais podia ser dito. Um dia, somos vencidos pelas nossas próprias resistências. Então, ou vencemos, ou nos entregamos definitivamente.

Agora que vos disse tudo o que se passou ao longo desses quinze anos, me sinto exaurido e decidido a acabar com esse sofrimento insondável. Só a verdade me interessa. Posso avistá-los, saindo do píer em direção ao nosso antigo ponto de encontro. O bar onde passei tantas horas e noites a fio. Onde pude ser feliz, em que o meu desejo nascia. Tacitamente, resolveram seguir pelo breu do caminho. Prosseguiam, em passos firmes, numa pulsação lenta. Nada mais havia a ser feito. O corpo e o coração chegaram ao limite de suas capacidades em suportar tanta amargura e sofrimento. Olhavam para frente e durante o trajeto não trocavam palavras, nem se olhavam. Pareciam anestesiados, indolores. Por mais que quiséssemos entender

aquela situação, só seria possível se retrocedêssemos desde a origem daquele relacionamento.

Logo se podiam avistar, a poucos metros, umas luzes coloridas, desenhadas pela fumaça artificial, que resvalavam pelas frestas da porta principal de uma dessas espeluncas, com aqueles aparelhos que se alimentam de fichas e sozinhas tocam qualquer música que se escolha. Resolveram entrar. Sentaram-se. Fumaram. Olharam-se, numa mortalidade de sentimentos que causava medo! Naqueles olhos habitavam a ausência e a solidão ou qualquer resquício inerente à vida. Só se podia dizer que, em ambos, algo pulsava por causa das luzes que, no momento, enfeitavam o vazio. Portanto, algo exterior a eles. Estavam imóveis fisicamente, extenuados. A carne não exalava mais o viço do prazer próprio da relação entre duas pessoas. Apenas por fora, mas por dentro se engendrava uma dinâmica funesta.

No salão, talvez, houvesse apenas espíritos, já que, além dos dois, nenhuma viva alma. A embriaguez súbita rodopiava em seus íntimos, incitando-lhes a vontade de dançar. Mas, os corpos continuavam inertes, sem forças para nada. A música de Madonna enchia o ambiente quase vazio. Após um esforço incomensurável, se levantaram e tomaram o meio do salão. O casal rodopiava num chão incerto, de direções assimétricas, que os levava para nenhum lugar. Neles, o desencadear instintivo dos animais que se sentem acossados, dominando-lhes a razão. O que poderia inflamar-lhes? As palavras disparadas, feito armas de fogo, eram pronunciadas, confusas, ao ponto de estabelecerem um conflito sem precedentes. Agora trocavam acusações, vomitavam frases doloridas, se desamavam, se entrincheiravam, num aparente vão combate. Seria aquele o momento da verdade? Sim! Revelavam as suas mais profundas verdades, há tanto tempo construídas sobre a face oculta da mentira. E, como não havia outra saída, era inevitável que tudo viesse à tona, tudo. Todos os meu amor, Todos os meu benzinho, se diluíram, esvaíram-se no tempo. Enfim, todas as juras de fachada, todas as demonstrações de carinho, porque, na verdade, aquela relação era uma grande história sórdida, escrita em tintas supostamente mentirosas; cuidadosamente elaborada por atores, possuídos de suas personagens. Quem, de fora, podia vê-los, se na verdade o que viam não era o que realmente estava escondido, alheio aos olhos, se por trás daquelas

paredes, os outros eram mudos e seus ouvidos não os sentiam? Estariam sós no mundo? Decerto que sim! Em suas frágeis existências, a cegueira não os permitia que enxergassem além de si próprios. Reduziram-se a seus problemas. E o mundo se reduzia às suas resistências. Uniram-se para a destruição de suas vidas. Ninguém era partícipe daquela morte lenta, de autoflagelação e suicídio mútuo. Há tempos que o amor fenecera. E quando, ao amor cerram-se as grades, as pétalas de sua vida murcham e perdem o viço, para sempre.

Os gritos arrebatavam-lhe as bocas, escancaravam ácidas palavras, devoravam-se, comiam-se, destruíam-se, pondo fim àquele longo sofrimento, alimentado por longos dias e horas, sob o mesmo teto, compartilhando a mesma cama, os mesmos ambientes...

Após uma longa pausa sem pronunciarem palavras, algo se delineava no ar. Poderia ser a revelação do mistério que permitia a convivência insuportável entre eles. Após o último gole do que sobrara da bebida, o homem perpassou o olhar pelo salão. Olhava desatento como se estivesse em transe, como se não sentisse os pés sobre aquele chão real. Voltou-se para a mulher e balbuciou algumas palavras sussurradas. Ela respondeu num fio de voz inexpressivo. Não restava nenhuma dúvida: apenas seus corpos estavam próximos. Os sentimentos entre ambos há tempo deixara de pulsar.

A voz de Madonna, que se perdera entre o vazio da sala e o abismo que se instalara entre os dois, voltava à consciência, trazendo-lhes repentinamente à realidade. A música parecia até mais estridente. Mais uma vez se olharam sem se perceberem, sem desvendarem as suas verdades. As janelas que poderiam deixar ver-lhes suas almas permaneciam trancadas. E todos os desejos que, porventura, viessem habitar em seus corações atormentados, recolhiam-se em seus segredos.

As luzes coloridas rodopiavam e iluminavam as paredes vindas do globo que girava, lentamente, levemente. Mas, era inútil! Nada que esboçasse uma imagem precisa daquela realidade parecia ter sentido. Eles não pertenciam ao lugar, apesar de habitá-lo. Algo se desmanchava naquele lugar. E que lugar poderia lhes pertencer, se entre eles se dissolviam pontes e aumentavam-se distâncias?

As paredes do salão, pouco a pouco, iam se transformando em metáforas de prisão. Só o que realmente existia eram seus interiores, que explodiam, que entravam em erupção, numa fúria alucinada, desesperada de fazer renascer o que em seus íntimos já arrefecera, morrera e se encontrava em decomposição, em podridão inconsútil. Sim! Suas vidas interiores, definitivamente, não mais existiam. Tornaram-se zumbis a perambular por todos os lugares e por aquela noite fria sem lua, sem estrelas.

Estavam exauridos. Resistiram até o último instante antes de se confrontarem com suas realidades. Nada mais podia salvá-los do confronto. Chegara a hora das suas verdades. A guerra se instalara de vez em suas convivências. Partiam para a agressão desleal, onde não restariam sobreviventes. Na convalescença interior, queriam que seus corpos se atracassem, arrancassem cada pedaço violentamente, um do outro, em dores lancinantes. Assim como Prometeu acorrentado tinha seu fígado dilacerado todas as tardes sobre um rochedo, exposto a todas as intempéries divinas, o homem e a mulher, ali, sentados um diante do outro, despedaçavam seus sentimentos por dentro, revelavam para si próprios os desejos mais sórdidos. Não havia testemunhas. Mas, as pessoas que sempre existiram, anônimas, desde o píer, em que se encontravam, pelas ruas que passeavam naquela noite de estrelas e lua, uma noite linda e fresca, até chegarem naquele bar iluminado e alegre, cheio de pessoas que conversavam alto fumavam e bebiam, todas elas, continuavam a passar, continuavam a chegar, continuavam a partir, trazendo consigo as suas sombras e que eram projetadas nas calçadas, nas portas do bar em que o casal se encontrava a dançar, iluminadas pela luz néon que vinha de fora, que piscava e piscava e insistia em se repetir ritmada.

Nada mais tinham para falar. Tudo já fora dito. E ouvido. Agora, seus interiores mostravam-se esvaziados. O silêncio se instalou pesadamente, como mármore frio sobre dois cadáveres. Os olhos se apagaram e permaneceram secos e tristes.

A mulher saiu primeiro, coberta de hematomas na alma. Teria sido menos trágico, se deixasse escapar apenas um fio de sangue pelo canto dos lábios. Não

olhou para trás e sua cabeça, firme, continuava mirando o horizonte. Era tão branca que, ao reflexo do luar sobre sua roupa vaporosa, parecia uma garça a flutuar.

O homem permaneceu imóvel, em sua mais infinita dor. A dor que todos conseguem enxergar quando se percebe um homem que não tem para onde ir. Ficara, ali, por um longo tempo paralisado, na estática perturbação de seus pensamentos. Seus olhos estavam congestionados. Sentiu-se liberto, não da mulher, mas de si próprio. Ele mesmo era o seu prisioneiro.

Ela continuou pelo caminho incerto da noite, até que seu corpo sumira no breu sem fim. Madonna emudeceu. As luzes foram sumindo para dar vez às parcas estrelas que, para eles, começavam a despontar no céu, deixando o tempo respirar aliviado.

O outro homem que a tudo observava, pôs as mãos na cabeça. Ficou, por um longo tempo sem saber como agir. Decidiu pensar em si mesmo. Queria arriscar e, quem sabe fazer emergir a verdade escondida no outro e permitir que seus sentimentos mais recônditos se tornassem transparentes como a água. Queria mostrar-se assim. Resolveu, finalmente, tentar mais uma vez.

A MENINA QUE NÃO TINHA CU

Paulo Emílio Pinto

A menina que não tinha cu vivia impressionada com aqueles que soltavam “pum”... Não estava acostumada com a diversidade de tantos sons.

Passava o dia a registrar num caderninho a intensidade e a duração dos ruídos, e a descrever sua sensibilidade sobre tais odores...

Tornou-se especialista nessa disciplina.

A menina que não tinha cu, para compensar a ausência desse orifício, possuía boca e língua enormes...

Por elas escorriam todas aquelas coisas que nos outros saem por baixo.

A menina que não tinha cu também não roncava.

Nem sabia o que diabos era isso...

Quando escutou o primeiro ronco de sua vida passou também a registrar em seu caderninho todas as propriedades desses barulhos...

Tornou-se doutora na área.

À noitinha, a menina que não tinha cu relaxava... E entregava todos os seus podres.

A VELHA E O CÃO

Paulo Emílio Pinto

Quando encontrou aquele filhote de cachorro faminto abriu a camisa e deu-lhe de mamar.

E assim seguiu-se pelos séculos dos séculos, amém.

A filha, recém-nascida, definhou.

O peito da mãe só vertia pelo c(h)ão, até a criança descansar em paz.

O pai plantou a menina entre as hortênsias e enveredou-se pelo cio de outra cadela. Há tempos não cabia na cama dividida entre a esposa e, já então, aquele enorme bicho.

Ela nunca notou a (in)existência de sua família.

Seus dois peitos não bastavam, o bicho queria mais... E tinha, e ela dava.

E gostava de dar.

E ao dar esquecia de tudo... Da vida, das pessoas, da casa, do trabalho, das coisas, do mundo... Perdendo a si mesma.

Andava pela rua a catar moedas, que as furava e prendia a um cafona vestido preto desbotado. Veste doada pela ilustríssima misericórdia de outra velha senhora, que na rua das calçadas tomava chá de mirtilo com absinto e toucinho do céu.

Naquele último ano encurvara-se demasiado. O peso de sua indumentária tornara-se insuportável e a desenhava carcomida e azeda.

Corpo retorcido para um dos lados, cabelos ralos e mastigados, olhos fundos, dentes e hálito mefíticos, pele e alma engelhadas.

Não se compreendia porque não usava aquelas moedas todas para aliviar o próprio fa(r)do.

Para quem a indagava, respondia: - É para o resgate das almas afillhadas do tempo. E a seguir proferia uma infinidade de palavrões, pragas e ameaças, fétidas como sua boca e língua, que se desenrolava até o pescoço muxibento.

O cachorro era um escudo, rosnavava como lobo enfurecido ao seu mínimo mando. Aquela bicho enorme ainda bebia de seu leite ralo e lambia sua carne insípida.

Escondia-se atrás do cão com receio de roubarem sua beleza e posses. Proclamava-se nobre, de um país inventado, e cheia de títulos sem validade nem comprovação.

Pelas ladeiras da vila arrastava-se como uma serpente decrepita.

Ao mirar as vitrines das lojas só enxergava a beleza de outrora. Era uma espécie de bruxa encandeada pelo próprio feitiço.

Outro dia, encantou-se com as imagens de uma loja de televisores. Em cada tela via-se numa mulher diferente, jovem e bela, enquadrada aproximadamente em 14 polegadas. Ensaçou trocar seu vestido de moedas por um desses aparelhos, acreditando ser seu fiel retrato... Logo declinou, pois não sabia em qual parede de seu mundo iria pendurá-lo.

Com um pedaço de carvão riscava rostos e sonhos nas paredes das casas, e conversava com eles, suas melhores companhias.

Tinha traços e letras óbvias, que lembravam os primeiros antepassados.

Foi encontrada por pescadores morta junto ao seu cão, num pequeno e roto barco à deriva que do rio seguia para o mar...

Nenhum corpo apareceu para reclamar sua alma.

O cão guardava e comia prazerosamente pele e vísceras daquele resto de matéria, enquanto o barco parecia varar por destino (in)certo...

Quem crê diz que nas margens de outro país ela e o cão foram corpo e alma de uma mesma cigana (in)feliz.

Os mais velhos contam que quando jovem ela lembrava uma menina que passou por ali... Que empalmava pigmentos e lençóis, lacerava cortinas, adestrava doutores...

AS PROMESSAS QUE DEVIA

Paulo Emílio Pinto

Ela quase se perdera no caminho, seguindo os conselhos de um desbotado e mercenário pai, crendo na intimidade perversa e vaidosa de uma madrasta a si imposta... Uma estampa negada por ela três vezes, obedecendo os critérios de São Pedro diante do Cristo capturado.

Com a esgaçada imagem do pai ausente a rondar sua mente e a abrolhada língua etílica da mãe capenga, cresceu delgada procurando entre as frestas fios de ar imaculado.

A herança cristã ibero-italiana decadente insistia em desmerecer a viçosa influência judaica, do leste europeu, e uma exuberante ancestralidade nigeriana e ameríndia... Os retratos de família confessavam as insídias dos pais.

Não era filha legítima, vinha de repasses de outros parentes postiços: experimentos catastróficos de educação por vezes punitiva, falso libertadora, *laissez-faire*... Laboratório continuado pelo (a)talho religioso acadêmico, com esmera proposta neo/des/colonizadora, a depender dos modismos.

A melhor obra se sua vida foi a fuga de casa, repetindo o mesmo feitio de suas irmãs, filhas de outros acordos e rearranjos nupciais comuns às famílias apostadoras de corridas de cavalos.

Fez frente aos egoísmos e interesses de raiz ascendente.

Livre dos agouros afetivos de tudo um pouco pode ser... Mas sentia-se mais inteira rabiscando memórias, pigmentando fantasias em paisagens cênicas e fotografias de (des)conhecidos.

Algumas amizades tatuaram o sentido genuíno de família, outras custavam meia taça de vinho acetoso.

Depois de muito penar sob o julgo de difamações, irresponsabilidades e jactâncias alheias venceu na vida como um manifesto contra sonhos rasos,

abraçada pelo esteio de uma autêntica sabedoria extraoficial... Uma dessas raras luminosidades que caminham à margem das hierarquias e trocas de favores.

Corridas tantas horas, à tardinha, quase serena, suspensa numa trama de algodão cru ao balanço de breves ventos idos, escutava de longe a canção plangente, carcomida e solitária daqueles que aprestaram seu declínio... Sinos de paz tilintados por bicos desgastados, frívolos, incorrigíveis... sempre simpáticos.

Das superficialidades que menos a atraía constavam os exageros dos livros de histórias, encomendados pela burguesia e nobreza, a versar sobre suas aventuras exóticas de sobrevivência e os modos de ver, ser, estar, fazer, pensar dos aborígenes... Além das cabeças/troféus de animais, artistas, filósofos, (des)afetos e outras gentes comuns expostas nas paredes de pequenos apartamentos coloniais, com direito à senzala particular de dois metros quadrados.

Às vezes, quando desvanecia acendia velas cheirosas para si e outros mínimos demônios.

Eram tantas as promessas que devia...

AMOLECER EM FRUTOS

Paulo Emílio Pinto

Era híbrido meio tudo, meio nada meio todo, meio banda meio mutante, secos e molhados meio titãs, legião urbana meio ira, sepultura...meio demônio... meio anjo, Gabriel (pensador).

Não tinha motivos para celebrar benzer, pesar...Infância e adolescência foram canções de viola(ção), que mais ninguém (ou)viu...

Prato primeiro de um banquete celeste de postigos querubins. Nasceu e num instante tornou-se grande, sem fases ou intervalos... Uma árvore de raízes e galhos, sem tronco... Um bicho de pé... nem cabeça. Mas era encorpado de quase tudo... quase mudo... quasi modo. Cresceu assim, aos pedaços... Costurando-se com as sobras das inocências dos outros, e injunções de culpas suas...

Apegando-se aos refugos... Supérfluos credos das gentes de alma e corpos santos. Descartável, fez-se máscara(s)... Rituais de sonho, dor e preservação (da espécie). Não aguentando (o) ser humano engendrou-se semideus... Diante de tamanha força temeu sersom, fúria e vingança... E acuada em hiatos, cozeu-se inteiro... Até amolecerem frutos. Quem provou disse que eram doces, feito mel.

AVEZINHA

Paulo Emílio Pinto

De cara podia-se dizer: era “mal amada”..

Ou no escracho: “mal comida”.

Nem o marido a suportava, mas mantinha-se passivo... “cara de paisagem”, às suas danações.

Este, um sábio bonachão que encontrou o melhor emprego possível: trabalhava viajando. E só de mês em mês estava em casa, e olhe lá...

Assim, viviam bem os mais de 30 anos de casados: uma espécie de pacto de felicidade e saturação.

Dona de um apartamento antigo com fachada caindo aos pedaços, na periferia da capitania hereditária que se dizia mais próspera, sentia-se dona do mundo. Principalmente porque resolvera na segunda metade da vida trabalhar na área jurídica.

Era quase uma juíza de todas as varas, impunha-se como doutora ou coisa parecida, mesmo tendo acabado de concluir a graduação numa dessas fábricas de diplomas nos arredores da grande capital.

Pela casca tinha tudo para dar certo num modelo de vida neoliberal de classe média, não sei bem qual letra (c, d... z).

Era “branca”, plastificada (repuxada mesmo), diplomada, trabalhadora independente, casada, com filhos lindos e inteligentes, trocava o carro todo ano (popular, mas sempre novo)... Mas a alma era encruada, e por demais azeda, ou seria ácida?

Crete numa ascendência nobre que imprimia no nariz retorcido, (des) mandava em tudo e em todos: do cachorro à mãe centenária. Sim, para esta também cobrava aluguel.

Era uma rainha de copas mal rebocada, que decepava as plantas do miúdo canteiro do prédio caixão às cabeças dos “criados de cor”. Meu Deus, como essa gente gosta de exibir seus “criados-mudos de cor”.

E quem por ventura se atrevesse a tratá-los com um mínimo resquício de humanidade desejando-lhes um bom dia, oferecendo-lhes um copo d’água ou café... Era também por ela decepado.

Com as garras postiças (tudo nela era posição) arranhava carros, arrancava plantas, escondia chaves, contas e correspondências...

E grunhia com o marido, com os filhos lindos e inteligentes, com seus “criados-mudos de cor”, com os vizinhos, com o carteiro... Isso tudo da minúscula varanda/gaiola do alto de sua torre acoplada como púlpito no terceiro andar.

Era uma especialista em jogos de tabuleiros, empurrava vizinho contra outro; proprietários contra inquilinos...

Sua língua era do tamanho do fio inimaginável de seu telefone.

Mágica, possuía o dom de transformar um carnaval em pesadelo. Essa alegoria tinha um propósito: ser dona de algum reino desabitado pela plebe.

Com a cristalização dessa mania começou a vender a alma parca, e tudo o que tinha, desejosa de ser realmente a rainha do pedaço.

Assim, expulsou a mãe de sua segunda casa para poder exigir de algum estranho um aluguel mais alto, com retorno certo para aquisição do terceiro retalho de concreto com direito a laje.

Toda essa sandice acalentava quando vertia seu bem-aventurado coquetel de diazepam, fluoxetina, sal de lítio, haloperidol, tiaprida... Com gim e chá da folha de cannabis, única plantinha da horta de seus filhos (lindos e inteligentes), poupada de seus ataques açulados.

No fundo era uma avezinha que se contentava com pouco milho, ou xerém ralo.

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

Paulo Emílio Pinto

Era econômica, disso gostava, e não gastava seus centavos.

Fazia questão por tudo e por nada.

Suas mãos tentáculos tudo abarcava: torradas, cotonetes, lápis de cera, quadros de giz... Além daquilo que nunca foi seu.

Vendia a si e aos afetos... Caixinhas de remédios alterados.

Tinha uma agenda enorme, que dobrava mapas.

Alpinista, sabia bem das costas que a ergueria...

Mensageira de ventos sub-reptícios, blindava o(s) que mais queria e temia.

Seus mistérios eram tão claros, revelavam-se em horas, um dia, no máximo uma semana.

Depois fazia pose, paisagem da época de uma inexistente inocência.

Sem dúvida era o melhor doce, como o mel do sachê que chupava com a garatuja de sua boca nervosa.

Valia a devolução do ingresso.

Com o tempo sua carta de recomendação só crescia...

O MENOR E MAIS LINDO QUADRO DO MUNDO

Paulo Emílio Pinto

Era uma vez um menino que queria ser maior que os outros... Calçava os tamancos de sua mãe e os coturnos do pai, e subia nas costas da babá.

Era uma vez um menino que não gostava de sua letra... Cresceu forjando a assinatura dos outros.

Era uma vez um menino que amava animais... Tinha uma criação de carrapatos e pulgas escondidas na pele ferida de seu fiel cão.

Era uma vez um menino que adorava comprar e colecionar doces, remédios, coisas, pessoas...

Era uma vez um menino que trocava moedas e objetos por abraços, beijos, sonhos e afetos em jogos virtuais, aplicativos e redes sociais.

Era uma vez um menino que desejava esconder o segredo da verdade de todo mundo estocando livros mofados no porão, sótão e garagem de uma caserna imaginária.

Era uma vez um menino que mascarava seus segredos, aqueles que todos já sabiam.

Era uma vez um menino que gostava de ver a felicidade dos outros, se esta fosse bem menor que a sua.

Era uma vez um menino incapaz de fazer o mal, e o bem também.

Era uma vez um menino que virou gigante, e já não cabia no coração de ninguém.

E em seu quarto tinha o menor e mais lindo quadro do mundo: um espelho desbotado.

OUTRA AVEZINHA

Paulo Emílio Pinto

Seus pés eram de galinha, tropeçava neles.
Não gostava de filhos, comumente pisava nos ovos que punha.
Cabelos furta-cor. Podia ser quem quisesse... Roubara as cores do arco-íris.
Os dentes de leite bebia com café, chocolate e/ou canela.
Os outros eram de louça quebrada.
Olhos vesgos e pupilas dilatadas, mal se(r)viam, mas engoliam mundos...
Mãos trêmulas, dedos tortos, e letras mais tortas ainda.
Não tinha olfato, possuía bico, e por isso mesmo nada cheirava, nem fedia.
Era de meia idade, mas ainda criança que se cria.
Do pai herdou prisão de ventre, de alma e de coração.
Da mãe duas polegadas a mais.
Comia dinheiro, guardava no colchão, e dormia no chão.
Devorava tudo e todos sem distinção...
E assim, era também devorada por muitos...
Uma vitrine em promoção.
Bicho, fome, tesão.
Puro signo, puro sangue.
Perseguir-se era maior que si... Palco e plateia.
Dizia ensinar (po)ética e política.
Não cabia em espelhos, em amigos... Mas em séquito sequilho.
Demo(s) (des)conto(s).

SANTA TEREZINHA (OU A CONVERSA COM UM SALGADO IMPORTADO)

Bianca Costa

Você acha que conhece poder?

Você conhece supremacia e privilégio!

Você conhece o inato, o intrínseco patriarcado.

Caso algum dia queira entender o que realmente é força, vá ao nordeste. Muito além dos lugares que sua mente já imaginou existir.

Lá, uma casa pequena espera em silêncio, cheia de lembranças, nas profundezas do coração de um Brasil moribundo.

Vá a um tempo onde tudo era seco, quando as mulheres casavam obrigadas, antes mesmo que seus corpos fossem merecedores do termo.

Onde uma jovem, filha mais velha de vinte e um, nem todos eles vivos, conheceu um rapaz. Um rapaz a seus olhos tão amável, generoso, tão certo, tão digno de amar, tão seu.

Naquele lugar tudo era pobreza e fé, tudo era arcaico e a cor da pele em que se nasce significava mais do que devia.

Ela era alva, era fé e trabalho, era medo, ela não era muito.

Ele era um garoto de pele escura, cabelos muito negros e lisos, nativo demais, preto demais, ele não existia.

Mas eles sonharam, eles amaram, eles se pertenciam.

Viaje um pouco mais adiante, alguns anos a mais. As lágrimas não o trariam de volta, ele se foi na idade que uma vida dura normalmente permite.

Quatro crianças, todas tão jovens. Ela nunca foi à escola, ela não tinha dinheiro, nunca havia deixado aquele lugar, mas agora ela era cinco, era doce e forte.

Muito suor, pouco sono, quase nenhuma comida, determinação, sofrimento e tanta fé.

De sua primogênita o sacrifício de um altruísmo sem escolha, a persistência de seus outros três, um amor incondicional nutrido no peito, todos vivos.

O futuro incerto, os problemas tão urgentes, as dores tão reais, tudo tão caro, tão difícil, ainda assim, as crianças estão na escola, as crianças trabalham, ela também, a realidade bate na porta com força, talvez até demais.

Mas não te preocupas garoto, os anos passam rápido, a vida muda, os pirralhos crescem e fazem suas escolhas, têm empregos e famílias, dessa vez são quatro por uma.

Agora ela tem casa própria, todos eles têm, agora ela entende o que diz a bíblia, hoje ela sabe ler, ela escreve cartas, vai à igreja todo domingo, conheceu o mar e várias cidades.

Então, frágil, ignorante e inocente, playboy...

Se um dia quiseres ver como realmente se parece o poder em sua mais pura forma, basta olhar dentro dos setenta e dois anos de mundo que vivem nos olhos de minha avó.

SOBRE OS AUTORES

Bianca Costa

Bacharel em Comunicação com Habilitação em Jornalismo pela UFPB; Mídia Social atuando na iniciativa privada em João Pessoa - PB.

Hierônimus Lima (Jerônimo Vieira)

Doutor em Educação Artística pela FBAUP – Portugal; Mestre em Letras UFPB; Licenciado em Artes Cênicas UFPB. Docente/Pesquisador da Universidade Regional do Cariri (URCA) – CE.

José Rufino

Doutor e Mestre em Geociências pela UFPE; graduado em Geologia pela UFPE. Artista Visual. Docente/Pesquisador da UFPB.

Madalena Zaccara

Pós-doutora em Artes pela FBAUP – Portugal; Dr^a. Em História da Arte e Mestre em História das Civilizações pela Université Toulouse II; graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE. Docente/Pesquisadora da UFPE.

Maria Betânia e Silva

Doutora em Educação pela UFMG; Mestre em Educação pela UFPE; Licenciada em Educação Artística – Artes Plásticas pela UFPE. Docente/Pesquisadora da UFPE.

Paulo Emílio Macedo Pinto

Doutor em Educação Artística pela FBAUP – Portugal; mestre em Psicologia pela UNICAP; Licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas pela UFPE. Docente/Pesquisador pela UPE.

Renato Fonseca Livramento da Silva

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB; Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC; graduado em Desenho Industrial pela UFSC. Docente/Pesquisador da UFPB.

Robson Xavier

Pós-Doutor em Estética e História da Arte pelo MAC USP; Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN; Mestre em História pela UFPB; licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas pela UFPB. Docente/Pesquisador em Artes Visuais da UFPB.



